

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (AFN) LUIS GONZAGA OLIVEIRA JUNIOR

GUERRA HÍBRIDA NA REGIÃO DO MAR VERMELHO

Rio de Janeiro

2024

CC (AFN) LUIS GONZAGA OLIVEIRA JUNIOR

GUERRA HÍBRIDA NA REGIÃO DO MAR VERMELHO

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso Superior.

Orientador: CF (FN) RÔMULO LOPES DA SILVA.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO

INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso explora a dinâmica da guerra híbrida na região do Mar Vermelho. Esta área geográfica, de importância estratégica global, encontra-se situada entre a África e a Península Arábica, desempenhando um papel crítico ao conectar o Oceano Índico ao Mar Mediterrâneo por meio do Canal de Suez. O estudo se inicia com uma análise dos conceitos e características das modalidades de guerra híbrida, oferecendo uma compreensão detalhada de como essas modalidades se entrelaçam e se aplicam em cenários reais. Em seguida, destaca os acontecimentos mais relevantes relacionados aos ataques híbridos perpetrados no Mar Vermelho e em suas proximidades, fornecendo exemplos concretos e casos que ilustram o emprego desse tipo de guerra. A pesquisa também examina os aspectos contemporâneos da região, retratando a importância do Mar Vermelho como uma rota vital para o comércio internacional e sua relevância para a segurança energética global. E, por fim, o trabalho mostra os impactos socioeconômicos decorrentes desses conflitos, considerando suas implicações para a estabilidade da região do Mar Vermelho.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Mar Vermelho. Rotas Marítimas. Conflitos.

ABSTRACT

Hybrid warfare in the maritime environment

This final paper explores the dynamics of hybrid warfare in the Red Sea region. This geographical area, of global strategic importance, is located between Africa and the Arabian Peninsula, and plays a critical role in connecting the Indian Ocean to the Mediterranean Sea via the Suez Canal. The study begins with an analysis of the concepts and characteristics of hybrid warfare modalities, offering a detailed understanding of how these modalities intertwine and are applied in real scenarios. It then highlights the most relevant events related to hybrid attacks perpetrated in and around the Red Sea, providing concrete examples and cases that illustrate the use of this type of warfare. The research also examines contemporary aspects of the region, portraying the importance of the Red Sea as a vital route for international trade and its relevance to global energy security. Finally, the paper shows the socioeconomic impacts resulting from these conflicts, considering their implications for the stability of the Red Sea region.

Keywords: Hybrid Warfare. Red Sea. Maritime Routes. Conflicts.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	PRINCIPAIS CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA GUERRA HÍBRIDA	9
3	GUERRA HÍBRIDA NO MAR VERMELHO.....	15
4	CONCLUSÃO.....	31
5	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A complexidade crescente dos contextos geopolíticos contemporâneos tem causado um aumento significativo na ocorrência de conflitos híbridos. Esses conflitos são caracterizados por uma combinação diversificada de táticas convencionais e não convencionais. Entre essas táticas não convencionais estão a guerra cibernética, que envolve ataques digitais a infraestruturas críticas; o terrorismo marítimo; a pirataria, que se refere a ações de roubo e sequestro no mar; a propaganda, utilizada para influenciar opiniões públicas; e as campanhas de desinformação, que disseminam informações falsas para confundir ou manipular populações.

Um exemplo claro dessa dinâmica é a região do Mar Vermelho, que se tornou um importante palco para a manifestação desses conflitos híbridos. A localização estratégica do Mar Vermelho, vital para muitas rotas marítimas, faz com que a estabilidade da área seja de extrema importância para diversos países que dependem dessas rotas para o comércio e outras atividades econômicas. A crescente atividade de conflitos nessa região tem causado implicações significativas para a segurança e a economia global.

Este trabalho tem como objetivo geral descrever os impactos da guerra híbrida na região do Mar Vermelho. Busca-se compreender como esses conflitos afetam os diversos aspectos socioeconômicos dessa região. A intenção é analisar as múltiplas ramificações e consequências que a guerra híbrida provoca na sociedade e na economia local.

Com base nesse entendimento, o trabalho também pretende fornecer ideias valiosas para a formulação de políticas e estratégias eficazes. Essas políticas e estratégias seriam voltadas para a resposta e mitigação dos efeitos negativos causados por esses tipos de conflito. Dessa forma, espera-se contribuir para a criação de medidas que possam reduzir os impactos adversos, de modo a promover uma maior estabilidade na região do Mar Vermelho.

Ao final desta pesquisa, pretende-se responder a seguinte pergunta: quais são os impactos socioeconômicos, que afetam os países que dependem das rotas

marítimas da região do Mar Vermelho, decorrentes dos ataques híbridos perpetrados, no período de 2008 a 2024, por milícias e piratas, nessa região.

Para responder a essa pergunta, a pesquisa pretende explorar como esses ataques influenciam a economia e a estabilidade social do Iêmen e Somália, países de onde esses ataques partem. Ademais, será analisado de que maneira a segurança das rotas marítimas é comprometida e quais são as consequências diretas e indiretas para as nações que dependem, de alguma maneira, dessa região para o comércio e outras atividades econômicas.

Dado o papel vital da região do Mar Vermelho no transporte de bens e recursos energéticos, qualquer ameaça à segurança dessa via pode ter repercussões econômicas a níveis globais. A segurança das rotas marítimas é essencial para garantir o fluxo contínuo de comércio, e os ataques híbridos, perpetrados nessa região, representam um desafio significativo a esse respeito. Assim, essa questão torna-se de extrema importância para a economia mundial e merece uma análise, como também respostas eficazes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa pode ser classificada, em termos de natureza, como pesquisa básica. Isso se deve ao fato de que seu escopo principal é gerar novas informações que contribuam para o avanço do conhecimento científico, sem que haja um propósito financeiro direto.

A abordagem do problema de pesquisa será qualitativa. Isso significa que a investigação vai se concentrar na interpretação de acontecimentos de conflitos híbridos na região do Mar Vermelho. O método utilizado será a revisão bibliográfica, que consiste na análise de materiais já publicados e que são atinentes às ações de Guerra híbrida perpetradas na região do Mar Vermelho, entre 2008 e 2024.

No primeiro capítulo serão apresentados os conceitos de guerra híbrida, na visão de vários autores, e suas características. No segundo capítulo analisaremos os impactos causados pela guerra híbrida conduzida na região do Mar Vermelho e em suas imediações.

As fontes consideradas para esta pesquisa incluem uma variedade de artigos, monografias, teses e outros estudos acadêmicos relevantes. Além disso, serão analisadas reportagens que se relacionem diretamente com o tema. Esses materiais serão acessados em bases de dados virtuais como Scielo, Google Acadêmico,

Homepages e revistas especializadas. Tanto publicações em português quanto em inglês serão utilizadas para assegurar uma ampla cobertura e compreensão do tópico investigado.

2 PRINCIPAIS CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA GUERRA HÍBRIDA

Neste capítulo, serão analisados os conceitos de guerra híbrida para proporcionar uma melhor compreensão do assunto. Inicialmente, vamos conceituar, na visão de diversos autores, “guerra híbrida” e discutir a suas principais características. Em seguida, exploraremos como essas características se manifestam em diferentes cenários e contextos históricos. Também analisaremos as táticas comumente empregadas em algumas modalidades de guerra híbrida, tais como: operações cibernéticas, campanhas de desinformação, pirataria, *lawfare* e o uso de forças irregulares. Com isso, esperamos oferecer uma visão abrangente que ajudará a esclarecer o tema e a sua relevância nos contextos contemporâneos.

Segundo Hoffman (2007), os rivais tornaram-se cada vez mais complexos e sofisticados. Por isso, é fundamental compreender que, para sair vitorioso em um conflito, não basta apenas adotar uma única estratégia de combate. É necessário integrar e empregar diversas formas de enfrentamento de maneira coordenada e simultânea. Somente assim será possível alcançar as metas traçadas com eficácia. Sendo assim, entende-se que a vitória depende da capacidade de se adaptar rapidamente às circunstâncias mutáveis e de surpreender o oponente com movimentos inesperados.

Como afirma Fernandes (2016), desde o final da guerra fria, o debate sobre a transformação da natureza da guerra tem gerado novos conceitos e posições sobre a distinção entre as guerras passadas, atuais e futuras. Ao se analisar as dinâmicas dos conflitos nas últimas décadas, percebe-se uma multiplicidade de realidades e fenômenos que refletem uma complexidade crescente, uma vez que, por tradição, a guerra era vista como algo que ocorre entre Estados. No entanto, as guerras contemporâneas envolvem o Estado confrontando novos atores emergentes em um cenário de ameaças difusas e variadas, impulsionadas por fatores éticos, socioeconômicos e religiosos. Isso é evidente em alguns conflitos atuais, classificados como

“guerra híbrida”, em que potenciais adversários (Estados, grupos patrocinados por Estados ou atores autofinanciados) utilizam modernas capacidades militares. Em virtude do que foi mencionado, depreende-se que tal cenário demanda uma revisão contínua das doutrinas militares e diplomáticas para se adequar às novas realidades geopolíticas e que a eficácia das estratégias tradicionais pode ser comprometida pela imprevisibilidade e pela velocidade das mudanças no ambiente de segurança global.

De acordo com Hoffman (2007), as fronteiras que demarcavam as guerras convencionais tendem a sumir com o retorno de velhos procedimentos híbridos e o surgimento de novos, capitaneados pela globalização e pela tecnologia. A guerra híbrida é usada em todo o espectro do conflito, acertando formas de combate regulares e não regulares, deixando o campo de batalha escuso. Seus agentes podem ser estatais ou não estatais, combinando ações simétricas e assimétricas para alcançarem seus objetivos políticos. Suas armas são de tecnologia furtiva, homens-bomba, fuzis, facões e telefones celulares. Dado o exposto, entende-se que esta mistura de táticas e ferramentas resulta em um cenário imprevisível, em que a adaptabilidade e a inovação constante são essenciais para a eficácia política e militar.

A guerra híbrida tem como objetivo principal a utilização coordenada de todas as ferramentas disponíveis para criar sinergia e maximizar a potência dos ataques. Nesse contexto, as atividades criminosas desempenham um papel crucial ao gerar inconstância e instabilidade no governo estabelecido. Ao mesmo tempo, a guerra cibernética, que é uma das modalidades da guerra híbrida, pode ser desencadeada, trazendo consequências significativas. Entre essas consequências, destaca-se a capacidade de influenciar eventos importantes, como os resultados das eleições de um Estado, portanto, a guerra híbrida é uma estratégia que busca explorar todas as vulnerabilidades possíveis para atingir seus objetivos (Souza *et al*, 2019). Tendo em vista os aspectos observados, observa-se uma crescente interdependência entre os domínios físico e digital, em que a linha entre guerra legal e ilegal se torna cada vez mais tênue e complexa.

Na visão de Fernandes (2016), a guerra híbrida frequentemente inclui a participação de atores não governamentais como forças paramilitares, organizações criminosas ou células terroristas. Esses grupos, muitas vezes, dispõem de equipa-

mentos e tecnologias tipicamente exclusivos das forças armadas e comumente, recebem suporte de um ou mais países. Todavia, há situações em que alguns Estados optam por adotar ações de guerra híbrida sem recorrer ao uso desses atores não governamentais. Nessas circunstâncias, os próprios Estados implementam essas ações, combinando elementos de guerra convencional, cibernética, psicológica e outras formas de guerra para atingir seus objetivos. Dessa forma, as ações de guerra híbrida podem ser moldadas de acordo com as necessidades e os recursos disponíveis, sejam eles governamentais ou não. Com isso, fica claro que essa flexibilidade torna a guerra híbrida uma ameaça cada vez mais presente e desafiadora para a segurança global.

Como afirma Hoffman (2007), os conflitos híbridos podem ser conduzidos tanto por Estados quanto por uma gama de atores não estatais, estes últimos tendem a empregar predominantemente táticas de guerra não convencionais. Eles podem apoiar, incentivar e engajar-se em conflitos tradicionais que se alinhem com a realização de seus propósitos. Os Estados, por sua vez, também fazem uso de ações de guerra irregular, caso essas ações sejam imprescindíveis para o alcance de seus objetivos. Sendo assim, entende-se que a interdependência entre estratégias estatais e não estatais cria um ambiente complexo e dinâmico, em que a linha entre amigo e inimigo se torna cada vez mais difusa.

Para tal, quando os Estados não atuam sozinhos, eles apoiam ou incentivam grupos não estatais, fornecendo-lhes recursos, treinamento ou suporte logístico. Pois essa abordagem permite que os Estados influenciem nos resultados dos conflitos, que têm interesses, sem se envolver diretamente (Gardner, 2015). Observa-se isso claramente no apoio que o Irã fornece aos rebeldes Houthis no Iêmen.

Conforme Gardner (2015), a singularidade da guerra híbrida reside na capacidade das forças convencionais de combaterem simultaneamente ao lado das forças irregulares. Assim, os conflitos híbridos incorporam frequentemente estratégias legais e ilegais, bem como operações militares e civis. Consequentemente, o emprego frequente de métodos ilegítimos e não sancionados pelos Estados pode minar sua própria legitimidade perante a comunidade internacional, comprometendo sua credibilidade e capacidade de negação de envolvimento nesses conflitos. Levando-se em conta o que foi mencionado,

percebe-se que este fenômeno desafia as normas estabelecidas do direito internacional e os princípios de soberania, colocando os Estados diante de dilemas éticos e estratégicos complexos.

Assim, segundo Hoffman (2007), as tradicionais distinções entre guerras convencionais, não convencionais e terrorismo estão, gradualmente, dissolvendo-se. Essa transformação ocorre porque essas diferentes formas de conflito estão se tornando cada vez mais interligadas e frequentemente acontecem ao mesmo tempo. Esse cenário gera uma imprecisão significativa tanto sobre os métodos de guerra empregados pelos adversários quanto sobre a tecnologia necessária para enfrentá-los de maneira eficaz. A interconexão entre esses tipos de conflito resulta em uma gama de desafios complexos. Os adversários podem combinar táticas de guerra tradicional com ações terroristas e operações de guerra não convencional, criando um ambiente de conflito extremamente dinâmico e imprevisível. Essa combinação de métodos diversos é o que chamamos de guerra híbrida. Em face do exposto, entende-se que a noção de guerra híbrida reflete a evolução das estratégias de combate na era moderna, em que a linha entre combatentes e civis, campos de batalha e espaços urbanos, torna-se cada vez mais tênue.

Por conta disso, nos campos de batalha das guerras híbridas, é previsto que áreas desafiadoras, como cidades, tornem-se locais estratégicos. Isso decorre da compreensão de que a complexidade desses ambientes oferece vantagens que equilibram a superioridade de uma força convencional. Esses conflitos não estão limitados a espaços físicos específicos. Os atores híbridos utilizarão tanto os meios de comunicação tradicionais quanto os mais modernos para criar narrativas que atendam a seus interesses e objetivos (Hoffman, 2007). Dessa forma, observa-se que eles conseguem manipular a opinião pública e, por conseguinte, influenciar as decisões políticas em uma guerra de percepções tão decisiva quanto os combates no terreno.

De acordo com Korybko (2018), os Estados Unidos da América (EUA) têm adotado uma metodologia para influenciar a política interna de países situados em regiões de interesse estratégicos para sua geopolítica. Essa metodologia, que envolve o uso de abordagem indiretas e análise de dados para gerar o que Korybko chama de “armamentização do caos”. Tal termo, segundo o autor, refere-se à

utilização do caos social como um meio de cooptar parte da sociedade-alvo, que, sem perceber, acaba agindo contra os interesses nacionais desses países. Assim, entende-se que a "armamentização do caos" apoia-se basicamente no uso de ferramentas digitais e de informação para desestabilizar governos e promover mudanças de regime de forma indireta e velada, promovendo a desestabilização de um país por meio da manipulação de suas divisões internas, com o objetivo de promover mudanças que favoreçam a hegemonia norte-americana.

Outra modalidade de guerra Híbrida a ser destacada é o *Lawfare*, que é o uso estratégico do sistema jurídico e legal como uma ferramenta de guerra para deslegitimar, prejudicar ou aniquilar um adversário político (Santos, 2022). Dessa forma, depreende-se que ao transformar disputas políticas em questões judiciais, os agentes podem gerar uma impressão de legalidade nas ações, enquanto buscam deslegitimar adversários e obter apoio popular para suas causas. Essas táticas não apenas visam obter resultados legais, mas também criam um ambiente favorável à manipulação da percepção pública, reforçando a eficácia do *Lawfare* como uma ferramenta de guerra política.

Portanto, segundo Viana (2021), o *Lawfare* deve ser compreendido como uma arma poderosa empregada no contexto das guerras híbridas contemporâneas, visando desestabilizar países, trocar regimes e promover os interesses geopolíticos de grandes potências, muitas vezes sob o disfarce de combate à corrupção. Ele pode ser visto como uma ferramenta para neutralizar líderes progressistas que não podem ser derrotados diretamente pela política externa e de defesa dos EUA. Assim, nota-se que ao mascarar suas verdadeiras intenções com o verniz da legalidade, o *Lawfare* permite que ações imperialistas sejam conduzidas de maneira furtiva, minando a democracia e a soberania de nações-alvo sem recorrer ao uso direto da força militar.

No tocante ao ambiente operacional, verificou-se que a Guerra Híbrida avançou para as regiões marítimas. Pois segundo Kremidas-Courtney (2018), os mares e oceanos apresentam inúmeras vulnerabilidades para a ocorrência desse tipo de conflito, tais como:

— comércio mercante: navios e terminais portuários são suscetíveis a ataques nos sistemas de computadores das cadeias logísticas e intervenções nos sistemas que controlam a navegação dos navios.

— cibernético: no ambiente marítimo, observa-se que tanto os navios mercantes quanto os militares precisam da tecnologia cibernética para operação de seus sistemas de navegação, sendo, assim, tornam-se potenciais alvos de ataques híbridos.

— energia: por conta da matriz energética mundial ser muito variada, e boa parte dos insumos que a compõe, como o gás liquefeito e petróleo, serem transportados por navios, torna a cadeia de distribuição, desses insumos, bastante vulnerável a ataques híbridos.

— comunicações: a economia mundial depende muito, em quase sua totalidade, da rede de comunicações de cabos submarinos entre os continentes para realização das transações comerciais. Entretanto, inexistente um plano de segurança que vise proteger esses cabos de algum tipo de ameaça híbrida. Aliada a essa fragilidade, vale ressaltar que esses cabos pertencem a empresas particulares. Sendo assim, os países que utilizam dos serviços prestados por essas empresas, no tocante a aspectos estratégicos, ficam dependentes delas.

— vulnerabilidade territorial: as fronteiras marítimas e a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) dos países podem ser contestadas por atores híbridos em nome de um outro país, o que afeta o comando da soberania territorial. A capacidade de controlar, manter e proteger a autoridade no mar territorial é primordial para as Guardas Costeiras e Marinhas de Guerra.

— ameaças às Forças de Segurança Marítimas: atuam como agentes híbridos, operando de forma clandestina com mergulhadores armados ou embarcações não identificadas, disfarçadas como embarcações pesqueiras. Esses atores podem surpreender e se apresentar em grupos, representando um desafio real para as embarcações de guerra.

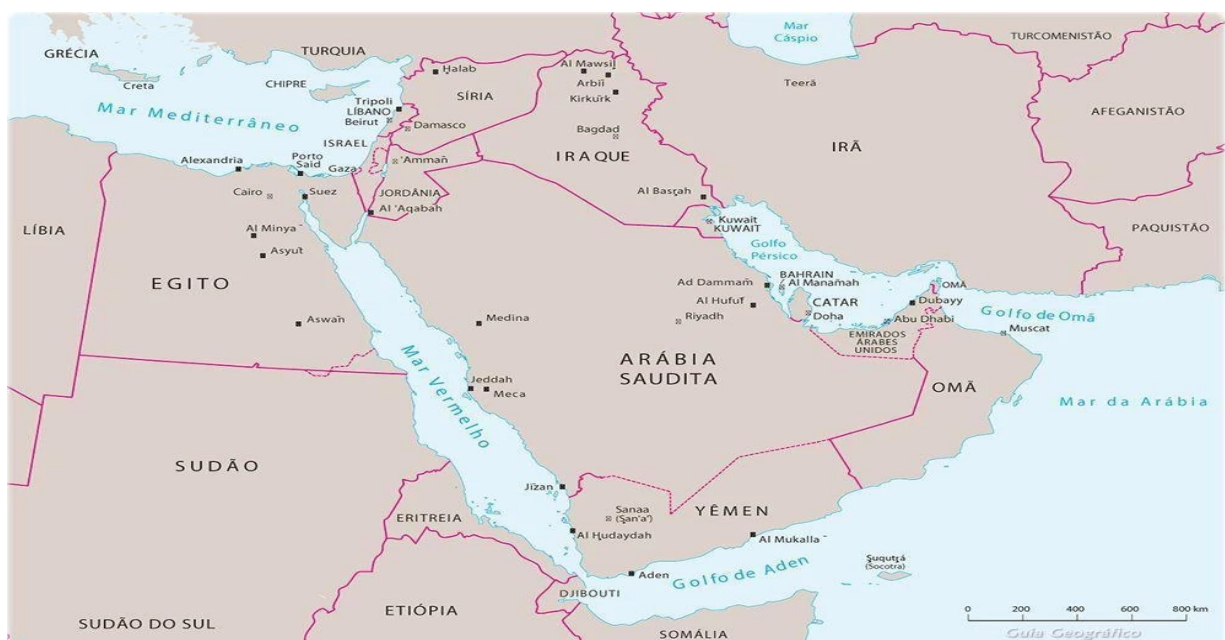
E para finalizar este capítulo, destaco o pensamento de Hoffman (2007), no qual cita que o componente intrigante da guerra híbrida advém da atividade ilícita, que é estrategicamente utilizada para dois propósitos principais: prover suporte à força híbrida e promover a desestabilização e neutralização do adversário. Esse tipo

de conflito é gerenciado e orquestrado no terreno de combate, nos níveis operacional e tático, visando gerar efeitos sinérgicos. Assim, depreende-se que para enfrentar eficazmente a guerra híbrida, é essencial adotar uma abordagem holística que considere todas as suas dimensões, incluindo as legais, tecnológicas, sociais e políticas. Só assim será possível desenvolver estratégias abrangentes e eficazes para mitigar os efeitos sinérgicos gerados por essa forma de conflito.

3 GUERRA HÍBRIDA NA REGIÃO DO MAR VERMELHO

A região do Mar Vermelho (figura 1) tem sido palco de ações de guerra híbrida com consequências significativas. Essa região é cenário de intensos conflitos que afetam não apenas o Iêmen e a Somália, mas toda a área circundante. A complexidade dessas disputas reflete-se na presença constante de diversos atores, sejam eles estatais ou não estatais. Ataques híbridos têm tido um impacto considerável na segurança e estabilidade dessa região (Fan, 2023). Sendo assim, observa-se que a região do Mar Vermelho, marcada por conflitos complexos e interesses geopolíticos diversos, emerge como uma das regiões mais estratégicas e instáveis do mundo, onde a interação entre poderes regionais e globais gera uma constante tensão.

Figura 1: Mapa da região do Mar Vermelho.



De acordo com Adamor (2024), a atuação de grupos armados e milícias locais, como os rebeldes Houthis do Iêmen, aumenta consideravelmente a violência e a instabilidade, tornando a situação, já delicada, ainda mais volátil e perigosa. Esses grupos têm realizado uma série de ataques coordenados a navios e infraestruturas críticas situadas no Mar Vermelho e em suas proximidades, criando um clima de constante insegurança na região. Esses ataques não apenas ameaçam a segurança marítima, mas também têm um impacto direto e negativo sobre o comércio global. Em virtude do que foi mencionado, depreende-se que tal cenário poderá comprometer as rotas estratégicas de transporte e elevar os riscos associados à navegação, resultando em aumentos significativos nos custos de seguros e nos preços de commodities essenciais, como o petróleo.

As rotas de transporte no Mar Vermelho, reconhecidas como algumas das mais importantes para o comércio internacional, tornaram-se arriscadas para a navegação de embarcações mercantes. Isso se deve aos frequentes ataques realizados pelos rebeldes Houthis, que se intensificaram após o início do atual conflito na Faixa de Gaza. O grupo parece determinado a continuar suas ofensivas contra navios de países como os Estados Unidos e o Reino Unido, além de outras nações, como parte de seu apoio ao Hamas. Essa situação tem gerado uma crescente preocupação, não apenas entre os países diretamente envolvidos nos conflitos, mas também entre todas as nações que, assim como o Brasil, dependem dessas rotas marítimas para exportar seus produtos e importar insumos essenciais para suas economias (Brasil, 2024). Em face do exposto, nota-se a suscetibilidade do comércio mundial às ações, de terrorismo marítimo, perpetradas pelos Houthis.

Esses ataques forçam os navios a alterar o planejamento de suas rotas, muitas vezes levando-os a percorrer distâncias maiores, o que resulta em atrasos significativos no transporte de mercadorias (O longo [...], 2024). Dessa forma, constata-se que tanto os ataques dos Houthis quanto os dos piratas, no Mar Vermelho e em seu entorno, criam um efeito cascata que atinge diversos setores da economia global, potencializando os desafios já enfrentados no tocante às rotas de comércio marítimo.

Para exemplificar uns desses ataques, destaca-se os que foram perpetrados no entorno dessa região. Entre 2008 e 2011, a região do Mar Vermelho foi palco de

diversos ataques de piratas que operavam a partir da Somália. Em um incidente de grande repercussão em 2008, o navio-tanque *Sirius Star* foi capturado a aproximadamente 450 milhas náuticas ao sudeste de Mombasa, Quênia, o que incluiu a área do Mar Vermelho. Os piratas somalis exigiram um resgate multimilionário, refletindo a extensão do problema na região (Weldemichael, 2019). Analisando os dados apresentados, observa-se a vulnerabilidade das rotas comerciais internacionais que passam pelo Mar Vermelho, uma área essencial para o fluxo de petróleo e mercadorias entre o Oriente Médio e o Ocidente. Esses episódios sublinham a necessidade de uma maior cooperação internacional para garantir a segurança marítima e estabilizar a região.

Tal situação desestabilizou, naquele período, as rotas comerciais e representou uma ameaça significativa à segurança marítima na região do Mar Vermelho. Esses incidentes destacaram a importância geopolítica do Estreito de Mandeb, uma artéria vital para o comércio global de petróleo, gás natural liquefeito e outras mercadorias (A porta [...], 2024). Levando-se em conta o que foi observado, fica evidente que qualquer interrupção no fluxo de navios através desse estreito poderá ter consequências econômicas globais, aumentando a urgência de proteger essa passagem estratégica contra futuras ameaças.

Segundo Galante (2008), o sequestro do navio-tanque *Sirius Star*, em 15 de novembro de 2008, marcou um ponto de virada na pirataria moderna ao largo da costa da Somália. O incidente ocorreu a uma distância impressionante de 450 milhas náuticas ao sudeste de Mombasa, Quênia, muito além da área normalmente patrulhada por navios de guerra internacionais no movimentado Golfo de Áden. Isso posto, nota-se a crescente audácia e capacidade dos piratas somalis, que estavam expandindo seu raio de ação, de modo a desafiar as operações de segurança marítima da comunidade internacional.

Esse navio tinha 318.000 toneladas de porte bruto e 1.080 pés de comprimento, revelou a vulnerabilidade de navios gigantescos mesmo diante de ataques de piratas. O referido navio carregava 2 milhões de barris de petróleo, equivalente a um quarto da produção diária da Arábia Saudita, e tinha um valor estimado em mais de US\$ 100 milhões. Com isso, esse incidente demonstrou que mesmo os maiores navios mercantes podem ser alvos de ataques piratas,

mostrando a necessidade de medidas de segurança reforçada, a fim de proteger o transporte marítimo de cargas valiosas (Santos, Baptista e Novais, 2017). Assim, observa-se que esse sequestro revelou uma das vulnerabilidades, previstas por Kremidas-Courtney (2018), no ambiente marítimo.

Cabe destacar que a ousadia e a habilidade operacional dos piratas somalis ficaram evidentes ao conseguirem atacar tão longe da costa em uma área amplamente monitorada. Isso mostrou as deficiências nas medidas de segurança marítima e levantou questões sobre a eficácia das operações de vigilância e resposta realizadas à época (Hijacked [...], 2008). Por tudo isso, observa-se a necessidade urgente de reforçar a cooperação internacional e de desenvolver novas estratégias para combater a ameaça da pirataria, que continuava a evoluir e a desafiar as capacidades de defesa naval na região.

Nesse episódio, os sequestradores exigiram um resgate colossal, revelando o impacto financeiro que tais ações acarretavam para as empresas de transporte marítimo e a economia regional. Após negociações, um suposto resgate de US\$ 3 milhões foi pago e o navio e sua tripulação, de 25 membros, incluindo dois britânicos, foram libertados em janeiro de 2009 (Hijacked [...], 2009). Isso posto, entende-se que esse incidente expôs a vulnerabilidade das rotas marítimas internacionais e a crescente ameaça da pirataria nas águas do Golfo de Áden, de modo a desencadear debates acerca da segurança marítima e as medidas necessárias para mitigar tais riscos.

O sequestro do *Sirius Star* provocou uma resposta internacional coordenada para enfrentar o problema da pirataria na região. Evidenciou a necessidade urgente de medidas mais robustas de segurança marítima e cooperação entre os países costeiros e a comunidade internacional para proteger as vulneráveis águas no entorno da África Oriental (Hijacked [...], 2008). Dado o exposto, nota-se que essa ação serviu de estopim para a mobilização de operações navais conjuntas a fim de combater à pirataria.

A captura do *Sirius Star* não só revelou a vulnerabilidade dos navios que transitavam por essas águas, mas também gerou preocupações quanto à segurança das principais rotas comerciais que passam pela região do Mar Vermelho. A ação dos piratas não só causou prejuízos financeiros consideráveis para as empresas de

transporte marítimo, mas também levantou dúvidas sobre a eficácia das medidas de segurança marítima, até então, adotadas nessa região (Weldemichael, 2019). Assim sendo, depreende-se que esse evento expôs a necessidade urgente de revisar e reforçar as estratégias internacionais de combate à pirataria para garantir a proteção contínua das vias marítimas essenciais ao comércio dessa região.

Em complemento ao tópico anterior, entre os 439 ataques promovidos por piratas em 2011, mais da metade foram atribuídos aos piratas da Somália. Eles operam, além do Mar Vermelho, no Golfo de Áden, no Mar Arábico, no Oceano Índico e na costa de Omã. O sequestro do *Sirius Star* em 2008 chamou a atenção para o problema da pirataria somali, especialmente em relação à circulação de petróleo por via marítima (Piracy [...], 2011). Por tudo isso, entende-se que essa escalada na atividade pirata tende a gerar preocupações globais, resultando em um aumento significativo das operações navais internacionais na região, a fim de proteger as rotas marítimas.

Segundo Murphy (2011), o Golfo de Áden, na entrada do Mar Vermelho, é um dos pontos mais críticos para a pirataria moderna. Em 2011, houve um aumento significativo nos ataques piratas nesta área. Um exemplo é o sequestro do navio tanque *MV Zirku*, capturado por piratas enquanto navegava por este Golfo. Os piratas mantiveram a tripulação como refém e exigiram um resgate considerável. Dado o exposto, entende-se que a persistência desses ataques evidencia a fragilidade das medidas de segurança marítima na região.

Como afirma Bateman (2011) no momento em que ocorreu o sequestro, o navio *MV Zirku* estava a caminho de Bashayar, no Sudão, com destino a Singapura. Ele foi atacado por duas lanchas de piratas que portavam *Rocket Propelled Grenade*(RPG) e armas de pequeno calibre. Apesar de o *MV Zirku* ter tomado medidas evasivas, tais como aumentar a velocidade, disparar foguetes de sinalização e ativar as mangueiras de incêndio, os piratas ainda conseguiram se aproximar, abordar e apreender esse navio. Assim, observa-se que o ocorrido retrata o nível de destreza desses piratas nesse tipo de ação.

E para operacionalizar tais ataques, os piratas geralmente atuam, segundo Schneider (2015), da seguinte maneira:

Os piratas empregam esquifes rápidos e manobráveis, equipados com motores potentes para se aproximar rapidamente dos alvos. Eles também usam navios de pesca, que são maiores, como bases de operações. Bem como, coordenam suas ações em grupos para cercar e dominar os navios, usando múltiplas embarcações para criar bloqueios ou atacar de diferentes direções. Isso aumenta as chances de sucesso e reduz os riscos de eles serem rechaçados .

Nessas ações, os piratas também usam fuzis e granadas para intimidar as tripulações, desestabilizando a moral delas e facilitando a abordagem. Eles também fazem disparos ao ar para forçar os navios a parar. Escolhem alvos considerados vulneráveis, como navios de carga desprotegidos ou embarcações sem vigilância militar. Eles exploram informações sobre rotas e horários para planejar ataques bem-sucedidos.

Embora com recursos limitados, os piratas utilizam GPS e rádio para coordenar ataques e navegar em áreas de risco, permitindo operações mais complexas e distantes da costa somali. As táticas combinam estratégias tradicionais e adaptações modernas. A eficácia se deve à habilidade em explorar vulnerabilidades e usar a geografia local. Apesar da resposta internacional, a pirataria continua sendo um desafio significativo nas rotas marítimas da região.

Isso posto, observa-se que as táticas empregadas pelos piratas modernos revelam uma combinação astuta de inovação e tradição, refletindo a adaptabilidade e a resiliência de um fenômeno que persiste em desafiar a segurança marítima global. Ao utilizar embarcações rápidas e manobráveis, com a coordenação em grupos, esses piratas maximizam suas chances de sucesso, mesmo diante de recursos limitados. A utilização de tecnologia moderna, como GPS e comunicação via rádio, demonstra que a pirataria não é apenas uma prática arcaica, mas uma atividade que evolui para se manter relevante em um mundo em constante mudança.

Em resposta ao aumento da pirataria, diversas operações internacionais foram lançadas. Entre elas, a Operação Atalanta da União Europeia, iniciada em 2008, que teve como objetivo principal proteger os navios que transitam pelo Mar Vermelho e pelo Golfo de Áden contra ações de pirataria. De acordo com dados oficiais da União Europeia, o número de navios mercantes capturados por piratas

diminuiu de 47 em 2010 para apenas quatro em 2012 (Cavalcante; Lima, 2013). Assim, observa-se que esse sucesso mostrou a importância da cooperação internacional na luta contra a pirataria, demonstrando que esforços conjuntos entre diferentes nações podem resultar em ações eficazes e coordenadas.

Segundo Padilha (2021), essa Operação protegeu, com sucesso, os navios do Programa Alimentar Mundial (WFP) que distribuem alimentos para as populações vulneráveis na Somália; garantiu a livre circulação de embarcações comerciais que trafegam entre a Ásia e a Europa através do Canal de Suez; contribuiu para a diminuição consistente no número de sequestros de embarcações e tripulações pela pirataria na região, chegando a não haver registros de sequestros em 2020; atuou em cooperação com outras operações de segurança marítima na região, como a Força-Tarefa Combinada 151 (CTF 151), a fim de reforçar a segurança marítima; interceptou atividades de pesca ilegal na costa da Somália e prestou apoio humanitário à população local. Portanto, devido aos esforços contínuos da Operação Atalanta e de outras missões internacionais, depreende-se que a pirataria no Golfo de Áden e nas águas da Somália foi significativamente reduzida, contribuindo sobremaneira para a manutenção da paz e estabilidade na região.

Diante desse êxito, em dezembro de 2022, a União Europeia sancionou a renovação da Operação Atalanta, até dezembro de 2024. Tal decisão visou a tentativa de manutenção da estabilidade no Golfo de Áden e no Mar Vermelho. Em que pese a pirataria esteja contida, de certa forma, nessas regiões, as causas subjacentes persistem, e a comunidade internacional precisa manter o rigor do monitoramento para evitar um possível ressurgimento dela (Padilha, 2023). Assim sendo, observa-se que a renovação da operação reflete o reconhecimento de que, sem vigilância contínua, os progressos alcançados podem rapidamente ser revertidos, colocando em risco a segurança marítima dessa região.

Outra modalidade de Guerra híbrida muito utilizada na região do Mar Vermelho é o terrorismo marítimo. No dia 16 de julho de 2015 foi perpetrado um ataque, a um navio da Marinha Egípcia, mais precisamente na costa do Sinai, tal acontecimento demonstrou a evolução dos atores híbridos ao longo dos anos (Wiltgen, 2015). Dessa forma, esse ataque destacou a crescente capacidade desses atores em realizar operações mais complexas do que a pirataria.

De acordo com Baltazar (2017), nesse ataque, o Estado Islâmico, um ator híbrido em tal contexto, utilizou um míssil em vez de uma embarcação carregada de explosivos, o que denota um acesso privilegiado a armas cada vez mais poderosas e sofisticadas, como também ao treinamento necessário para manuseá-las com eficácia. A observação do autor, nos leva a refletir sobre a evolução das capacidades dos atores híbridos, como o Estado Islâmico, levanta questões sobre o acesso a armamentos avançados e treinamento especializado. Dessa forma, sendo essencial investigar a origem dessas armas, que podem ser adquiridas por meio de redes de tráfico internacional, saques em conflitos ou fornecimento por estados com interesses estratégicos. O treinamento eficaz sugere a existência de infraestrutura logística e colaborações com instrutores estrangeiros ou ex-militares, destacando uma sofisticação além do imprevisto típico de grupos insurgentes. Além disso, observa-se que a crescente complexidade das operações desses grupos não apenas desafia as forças de segurança convencionais, mas também exige uma reavaliação das estratégias de combate ao terrorismo em um cenário global em constante mudança.

Outros ataques semelhantes, segundo Baltazar (2017), nos quais atores híbridos utilizaram armamento altamente sofisticado, foram registrados no ano seguinte, levados a cabo pelos rebeldes Houthis. O primeiro foi contra o *HSV-2 Swift*, no dia 1º de outubro de 2016. O segundo foi contra um contratorpedeiro, da classe *Arleigh Burke*, o *USS Mason* que foi alvo de um ataque de mísseis de cruzeiro terra-navio disparados por esses rebeldes, baseados no Iêmen, enquanto operavam nas proximidades do Mar Vermelho ao norte do estreito de Bab el-Mandeb, em 8 de outubro de 2016. Na ocasião, o *Mason* lançou alguns mísseis para se defender, dessa forma interceptando os mísseis inimigos que foram lançados. Em face do exposto, verifica-se que a capacidade de atacar navios militares altamente equipados, como o *USS Mason*, e a utilização de mísseis de cruzeiro terra-navio demonstram uma escalada na ameaça representada pelos Houthis.

Esses ataques não se limitam somente aos navios de guerra, pois em janeiro de 2024, o navio de carga americano, *MV Genco Picardy*, foi uma das mais recentes vítimas dos ataques dos Houthis a navios comerciais que passavam pela região do Mar Vermelho (figura 2). Esses ataques têm sido realizados desde novembro de

2023 e incluem a utilização de mísseis e drones. No caso do MV Genco Picardy, foram empregados mísseis navais. Os rebeldes Houthis, um grupo islâmico xiita apoiado pelo Irã, têm atacado recorrentemente navios que trafegam pelo estreito de Bab al-Mandab, um canal que separa o nordeste africano do Iêmen. Embora eles aleguem que o alvo é navios ligados a Israel, em retaliação à guerra na Faixa de Gaza, contudo muitas embarcações atacadas não têm nenhuma relação com esse Estado (Houthis, 2024). Ao se analisar o fato, observa-se que as ações hostis dos Houthis, são indiscriminadas. Ou seja, quaisquer embarcações, que trafegam pelo estreito de Bab al-Mandab, poderão ser atacadas, independente de ter ligação com Israel ou não.

Figura 2 – Imagem do dano causado, pelos Houthis, ao navio MV Genco Picardy.



Fonte: The Maritime Executive (2024).

De acordo com Lusa (2023), esses rebeldes têm lançado mísseis e drones contra o sul de Israel, bem como atacado navios com bandeira israelense ou propriedade de empresas de Israel no Mar Vermelho e no Estreito de Bab al Mandeb. Assim, entende-se que esses eventos retratam a tensão e a complexidade de como essa modalidade de guerra híbrida, terrorismo marítimo, está impactando a geopolítica dessa região.

Segundo Xavier (2024), a guerra híbrida conduzida pelos rebeldes Houthis, caracterizada por ataques a navios mercantes, tem exercido um impacto profundo e significativo na região do Mar Vermelho. Esses ataques não apenas interrompem o tráfego marítimo essencial para o comércio global, mas também colocam em risco a segurança das tripulações e das cargas, exacerbando a instabilidade regional. Dado o exposto, conclui-se que a crescente escalada de violência promovida por esses rebeldes pode fazer com que esse conflito local se transforme em uma guerra generalizada. Tal cenário não apenas ampliaria a devastação na região, mas também poderia envolver potências regionais, que seriam arrastadas para o conflito em busca de proteger seus interesses estratégicos e econômicos.

Ademais, verifica-se que ações de sabotagem também se faz presente na região do Mar Vermelho. Como as que causaram danos aos cabos submarinos de telecomunicações, que cruzam esse Mar, que culminaram em interrupções significativas nas redes de telecomunicações e de internet entre Ásia, Europa e Oriente Médio. Em que pese a causa exata não esteja clara, há fortes especulações sobre a possibilidade de sabotagem por parte dos rebeldes Houthis do Iêmen (Conflito [...], 2024). Sendo assim, depreende-se que a falta de evidências concretas deixa espaço para várias teorias, mas a ideia de sabotagem, por parte dos rebeldes Houthis, destaca-se entre as discussões. A história e as ações anteriores dos Houthis contribuem para essa especulação, levando muitos a considerarem essa possibilidade com seriedade.

Como consequência disso, segundo Mozelli (2024), aproximadamente 25% do tráfego de internet entre Ásia, Europa e Oriente Médio foi afetado, pois os provedores de internet tiveram que redirecionar o tráfego por rotas alternativas, o que gerou complicações e mudanças significativas na infraestrutura de rede. Cerca de 15% do tráfego de internet da Ásia é direcionado para o oeste, e 80% desse percentual passa pelos cabos no Mar Vermelho. Essa dependência de uma rota específica destaca a vulnerabilidade da infraestrutura de internet na região. A interrupção nessa rota vital causou atrasos e congestionamentos, afetando a eficiência da comunicação digital. Assim, infere-se que o impacto foi sentido tanto pelos usuários comuns quanto pelas empresas que dependem de conexões estáveis e rápidas para suas operações. A necessidade de rotas alternativas sublinha a

importância de diversificar os caminhos de tráfego para evitar futuros problemas semelhantes.

Outro assunto que merece ser mencionado é o uso das novas plataformas de mídia na condução da Guerra de Informação em todas as suas formas. Isso abrange a propaganda, a desinformação, a disseminação de notícias falsas, o uso das mídias sociais e dos meios de comunicação internos. Essas estratégias são utilizadas de maneira cada vez mais sofisticada e abrangente (Lisboa, 2021). Em face do exposto, observa-se que a evolução constante dos meios de comunicação têm potencializado a eficácia do uso da informação como uma arma. Com o avanço tecnológico e a popularização das redes sociais, a capacidade de influenciar opiniões e manipular fatos tornou-se ainda mais poderosa. Assim, entende-se que a Guerra de Informação tornou-se uma ferramenta primordial nos conflitos híbridos, moldando percepções e impactando decisões em diversas esferas da sociedade.

Nesse contexto, segundo Grigas (2017), durante o conflito no Iêmen, os rebeldes Houthis espalharam informações falsas sobre ataques sauditas, alegando que eles usavam armas químicas. Essas alegações foram amplamente divulgadas nas redes sociais e em veículos de comunicação, afetando a percepção pública sobre o conflito. Sendo assim, observa-se que a utilização estratégica da desinformação pelos Houthis evidencia o poder das narrativas na guerra moderna, em que o controle da informação pode ser tão decisivo quanto o domínio militar.

Segundo Khatsenkova (2023), evidências indicam que os Houthis usaram contas falsas em redes sociais como uma tática para espalhar desinformação e propaganda. Essas campanhas de desinformação foram direcionadas principalmente contra a Arábia Saudita e os EUA. Um exemplo notável ocorreu em 2023, quando uma conta falsa, que foi atribuída à agência de inteligência israelense, Mossad, começou a circular nas redes sociais. Essa conta divulgava conteúdo violento e antipalestino, insuflando tensões já existentes. Sendo assim, a criação de contas falsas permite que os Houthis alcancem um público mais amplo e espalhem suas mensagens de forma mais eficaz. Essa estratégia digital demonstra como os conflitos modernos também são travados no campo da informação e da percepção pública. A sofisticação dessas operações mostra um nível avançado de manipulação e planejamento por parte dos Houthis, que utilizam as plataformas sociais como

armas de guerra psicológica. Pelas ideias apresentadas, constata-se que, com tais ações, os rebeldes Houthis tinham o objetivo claro de conquistar o apoio da população local para a sua causa, pretendendo se apresentar como defensores e protetores da região.

Em relação às questões sociais, segundo Amaral (2024), o conflito no Iêmen, que se estende pelo Mar Vermelho, tem causado sérios impactos sociais na região. O país é palco de uma guerra civil prolongada entre o governo, apoiado pela Arábia Saudita, e os rebeldes Houthis, apoiados pelo Irã. Essa dinâmica de apoio internacional insufla o conflito, tornando-o ainda mais complexo e difícil de resolver. A guerra tem devastado a população e a infraestrutura do Iêmen, resultando na destruição de comunidades inteiras, fragmentação da sociedade e aumento da pobreza. O impacto nas famílias, especialmente em mulheres e crianças, é imensurável, perpetuando um ciclo de sofrimento e desesperança. Dado o exposto, verifica-se que a falta de perspectivas de paz e reconstrução torna mais grave a situação, deixando a população em um estado constante de vulnerabilidade e incerteza.

Segundo dados da UNOCHA (2020), a guerra híbrida gerou uma série de impactos negativos tanto para o Iêmen quanto para a região circundante. Entre esses impactos estão o deslocamento forçado de milhares de pessoas, que tiveram que abandonar suas casas em busca de segurança. A insegurança alimentar tornou-se uma preocupação crescente, com muitas famílias lutando para obter alimentos suficientes. Esse cenário de instabilidade e violência contribuiu sobremaneira para o agravamento da situação humanitária. A crise que se desenrolou pode ser descrita como uma crise humanitária em larga escala, afetando diversas comunidades e sobrecarregando os recursos locais. A destruição de infraestrutura essencial, como hospitais e escolas, somada à falta de acesso a serviços básicos, tornou mais grave a condição de vida da população. Sendo assim, fica claro que essa situação crítica demanda uma resposta urgente e coordenada da comunidade internacional para aliviar o sofrimento e restaurar alguma medida de estabilidade na região.

Por conta disso, a situação no Iêmen é marcada por uma crise humanitária de proporções alarmantes. pois o conflito prolongado resultou em milhares de mortos e feridos, deixando a população em um estado de extrema vulnerabilidade. Milhões de

peças dependem de ajuda humanitária para satisfazer suas necessidades básicas, como alimentação, água potável e abrigo. A destruição do sistema de saúde do país e da infraestrutura essencial, causada pelos combates incessantes, tornou mais grave a crise. Hospitais e clínicas foram danificados ou completamente destruídos, deixando a população sem acesso adequado a cuidados médicos. Essa situação ficou ainda mais complicada pela pandemia de Covid-19, que sobrecarregou um sistema de saúde já fragilizado, revelando a falta de recursos e a capacidade de resposta (Iêmen [...], 2024). Por tudo isso, observa-se que o impacto direto do conflito na infraestrutura de saúde e serviços essenciais não pode ser subestimado. A destruição desses recursos vitais não apenas impede a prestação de cuidados imediatos, mas também compromete a recuperação a longo prazo do país. Ademais, a dependência de ajuda humanitária cria uma dinâmica de dependência e vulnerabilidade que pode ser explorada por atores políticos e militares, perpetuando o ciclo de conflito e instabilidade.

Em relação à Somália, segundo Dersso (2009), o governo federal desse país enfrenta uma forte oposição do grupo Al-Shabaab, que busca derrubar esse governo e impor sua própria interpretação extremista da lei islâmica. Tal conflito é uma manifestação da instabilidade política e da luta pelo poder no país. O conflito resultou em um grande número de deslocados internos na Somália. Isso indica que a população civil é gravemente afetada pelas hostilidades, sendo forçada a fugir de suas casas em busca de segurança. Os casos de pirataria, roubo armado e sequestro de embarcações no Golfo de Áden, localizado no Oceano Índico foram acentuados em 2008. A causa do aumento dos índices de criminalidade marítima na região teve forte vínculo com a falência do Estado somali que, desde o último decênio do século XX, tem sido considerado um Estado falido pela comunidade internacional. Tendo em vista os aspectos observados, constata-se que a violência contínua e a falta de um governo central eficaz perpetuam um ciclo de insegurança e desespero, dificultando qualquer esforço de reconstrução e desenvolvimento da Somália.

De acordo com Guimarães (2024), a guerra híbrida se manifesta de maneira particularmente intensa por meio do conflito entre o governo federal somali e o grupo Al-Shabaab. Este grupo extremista islâmico emprega uma combinação sofisticada

de táticas convencionais e não convencionais com o objetivo de desestabilizar o governo somali. Al-Shabaab utiliza ataques diretos, insurgências e técnicas de guerrilha, além de ações terroristas como atentados suicidas e bombardeios em áreas civis. Adicionalmente, o grupo recorre a estratégias de guerra psicológica e cibernética para semear medo e confusão entre a população e as forças governamentais. Essa abordagem híbrida permite ao Al-Shabaab manter uma presença influente e perturbadora na região, desafiando continuamente a autoridade e a estabilidade do governo somali. Assim sendo, observa-se que o conflito entre o Estado somali e o grupo Al-Shabaab tem causado uma devastação imensa à população civil da Somália. A violência contínua e a instabilidade provocada por esse tipo de confronto, geralmente, tende a resultar em um sofrimento incalculável para a população somali.

No que diz respeito aos impactos econômicos, observou-se que os ataques de rebeldes Houthis contra navios comerciais no Mar Vermelho estão causando sérias perturbações no comércio global. Desde novembro de 2023, as principais empresas de transporte marítimo, como Maersk, Hapag-Lloyd e CMA CGM, suspenderam temporariamente as operações nessa rota vital que liga o Mediterrâneo ao Oceano Índico. As consequências incluem: aumento de sete a 20 dias no tempo de trânsito para navios que desviam ao redor da África do Sul (Mar [...], 2024); queda de 42% no volume comercial pelo canal nos últimos dois meses; duplicação das taxas médias de envio de Xangai e triplicação das taxas para a Europa desde dezembro de 2023; redução no tráfego comercial através do Canal de Suez (Rotas [...], 2024). Analisando os dados apresentados, concluímos que esses fatores combinados estão gerando uma pressão inflacionária significativa e comprometendo a estabilidade das cadeias de suprimentos globais. Empresas em todo o mundo enfrentam desafios crescentes para manter a eficiência operacional, enquanto os consumidores se deparam com preços cada vez mais altos e prazos de entrega imprevisíveis.

Devido a essa situação de insegurança e violência, constatou-se que até o dia 3 de janeiro de 2024, um total de 181 navios tenham desviado suas rotas originais. Esses navios, em vez de seguirem pelas rotas habituais no Mar Vermelho, optaram por contornar o continente africano. Essa medida foi adotada como uma forma de

evitar possíveis ataques e garantir a segurança das tripulações e das cargas (Mar [...], 2024). Assim, essa mudança de rota, embora mais longa e custosa, reflete a gravidade da situação e a prioridade dada à proteção dos bens e vidas humanas.

Tal fato resultou em atrasos significativos nas entregas, causando um impacto direto na cadeia de suprimentos. Além disso, o congestionamento portuário se intensificou, criando mais dificuldades logísticas. Outro efeito foi o aumento dos custos operacionais, afetando tanto os transportadores quanto os consumidores. E, por fim, essa situação contribuiu para um crescimento nas emissões de poluentes, agravando mais as questões ambientais. (Rotas [...], 2024). Dado o exposto, verifica-se que essa situação também coloca em risco os esforços globais para mitigar as mudanças climáticas.

Em resposta a esse cenário altamente desfavorável e instável, foi lançada a Operação Guardiã da Prosperidade. Esta iniciativa multinacional é liderada pelos EUA e tem como objetivo proteger as rotas de comércio marítimo que passam pelo Mar Vermelho, Golfo de Aden e o estratégico estreito de Bab el-Mandeb. A operação foi desencadeada após uma série de ataques com mísseis e drones navais realizados pelos rebeldes Houthis. Essa operação, anunciada em 18 de dezembro de 2023 pelo Secretário de Defesa Lloyd Austin, reúne navios de guerra e oficiais de dez países sob o comando de uma Força-Tarefa Marítima liderada pelos EUA. Os países participantes incluem Reino Unido, Bahrein, Canadá, França, Itália, Países Baixos, Noruega, Seychelles, Espanha e EUA (Stewart, 2023). Assim, constata-se que a coalizão, composta por várias nações, tem como missão garantir a segurança e estabilidade da região, vital para o fluxo global de energia e bens de consumo.

Os navios de guerra dessa grande coalizão têm desempenhado um papel primordial na interceptação de diversas ameaças. Eles conseguiram neutralizar dezenas de drones e mísseis lançados pelos rebeldes Houthis. Essas ameaças estavam direcionadas a embarcações comerciais que navegavam na região do Mar Vermelho e no Golfo de Áden (EUA [...], 2024). Sendo assim, a atuação desses navios de guerra se torna fundamental para garantir a segurança e a proteção do tráfego marítimo nessas áreas estratégicas.

Outro exemplo desse tipo de integração entre nações, é a Força-Tarefa Combinada 151 (CTF-151), que é atualmente comandada por um Almirante da

Marinha do Brasil, desde janeiro de 2024. A CTF-151 é uma Força-Tarefa Multinacional que atua no combate à pirataria no Golfo de Áden, Bacia da Somália, Mar da Arábia e Mar Vermelho. Esta é a terceira vez que o Brasil assume o comando dessa Força, que também combate o tráfico de seres humanos e a pesca ilegal na região (Farias, 2024). Isso posto, nota-se que a liderança brasileira, nessa Força Tarefa, reflete o compromisso do Brasil com a segurança marítima global e o fortalecimento das relações multilaterais na luta contra crimes transnacionais.

A CTF 151 está atualmente conduzindo patrulhas marítimas rotineiras no Golfo de Áden. Essas operações têm como objetivo principal suprimir diretamente as ações de pirataria que ocorrem fora das águas territoriais dos estados costeiros da região. Para aumentar a eficácia dessas ações, a CTF 151 está trabalhando em estreita coordenação com a Força Naval da União Europeia. Esse esforço conjunto visa garantir a segurança marítima e proteger as rotas de navegação contra atividades de pirataria. As patrulhas são planejadas e executadas de forma contínua, mantendo uma presença constante e dissuasora na área (Brasil [...], 2024).

As perturbações nas rotas do Mar Vermelho, associadas aos impactos da guerra na Ucrânia e da seca no Panamá, evidenciam a vulnerabilidade do comércio global a choques geopolíticos e climáticos (Rotas [...], 2024). Dessa forma, observa-se que a situação atual mostra a necessidade urgente de aumentar a resiliência e diversificar as cadeias de suprimentos internacionais. Reduzir a dependência de fontes únicas, investir em infraestrutura e tecnologia, e promover robustez e flexibilidade são essenciais para enfrentar crises, mitigar riscos e garantir a estabilidade econômica mundial a longo prazo.

Assim, os impactos da Guerra Híbrida na região do Mar Vermelho são amplamente visíveis na economia global. O tráfego marítimo tem sido severamente afetado pela insegurança persistente, resultando em perdas econômicas substanciais para os países ao longo das rotas marítimas (Stilben, 2024). Pois, segundo Sullivan (2024), a região do Mar Vermelho é uma rota crítica para o comércio global, sendo que aproximadamente 12% do comércio marítimo mundial passa pelo Canal de Suez, uma via estratégica localizada nessa região. A interrupção da navegação nesta rota vital pode causar sérios problemas às cadeias de abastecimento globais, resultando em atrasos significativos na entrega de

produtos e no aumento dos custos de transporte. Pelas ideias apresentadas, entende-se que a manutenção da estabilidade na região do Mar Vermelho é não apenas uma questão de segurança local, mas uma preocupação global que pode impactar economias e mercados em todo o mundo.

Para ilustrar isso, países que dependem fortemente do comércio marítimo, como a Grécia, Jordânia, Sri Lanka e Bulgária, podem ser especialmente vulneráveis aos distúrbios nas rotas comerciais. Esses países, cujas economias estão intimamente ligadas ao comércio marítimo, enfrentam graves consequências quando há interrupções no fluxo de mercadorias através de vias estratégicas como o Canal de Suez. A importância dessa via é destacada pelo fato de que mais de 20% dos contêineres que transitam pelo Canal de Suez transportam mercadorias da Ásia para essas nações (Os prejuízos [...], 2023).

Segundo Alves (2024), algumas das principais consequências decorrentes dos ataques perpetrados pelos Houthis aos navios mercantes que trafegam pelo Mar Vermelho, em janeiro de 2024, foram os cancelamentos e ajustes em itinerários de cruzeiros que passariam por esse mar. A MSC Cruzeiros cancelou viagens que partiriam da África do Sul e Oriente Médio rumo à Europa. A empresa de navegação *Royal Caribbean* também cancelou duas viagens, uma saindo de Mascate, Omã, para Dubai, e outra de Dubai para Mumbai. Outra rota entre Aqaba, Jordânia e Mascate precisou, devido a questões de segurança, ser alterada para desembarcar passageiros em uma cidade portuária próxima à Atenas. Analisando os dados apresentados, verifica-se que esses ajustes revelam não apenas a fragilidade das rotas marítimas diante de conflitos regionais, mas também o impacto econômico imediato sobre o setor de turismo, que depende da previsibilidade e segurança das viagens internacionais.

4 CONCLUSÃO

Neste estudo, foi investigado o complexo fenômeno da Guerra Híbrida na região do Mar Vermelho e seus impactos significativos nos aspectos econômicos e sociais. No tocante aos impactos sociais, a pesquisa revelou que essa forma de guerra culminou em uma grave crise humanitária, caracterizada pela intensificação da falta de acesso a serviços básicos e pela escalada da violência. A população

afetada enfrenta dificuldades extremas para obter alimentos, água potável, cuidados médicos e abrigo seguro, tornando mais grave a situação que já era precária. A violência constante, presente em muitos aspectos da vida cotidiana, contribui para o sofrimento e o deslocamento de milhares de pessoas.

Essa crise humanitária é potencializada pela instabilidade política que surge dessa situação caótica. A ausência de um governo estável e eficaz cria um vácuo de poder, facilitando o surgimento de grupos extremistas, como os piratas somalis. Esses grupos exploram o descontentamento e a desesperança da população, recrutando membros e expandindo sua influência. A instabilidade política, combinada com a falta de segurança, transforma a região em um terreno fértil para o crescimento e fortalecimento dessas organizações extremistas, aumentando a complexidade e a gravidade dos desafios enfrentados na região do Mar Vermelho.

Vale ressaltar que, devido à Guerra Híbrida na região do Mar Vermelho, os aspectos econômicos sofreram impactos significativos, pois os bloqueios comerciais impostos pelos Houthis, como resultado direto desse conflito, interromperam as principais rotas de comércio, que são vitais para as economias global e regional. Essa interrupção não apenas diminuiu a atividade econômica geral, mas também provocou uma série de efeitos negativos em diversos setores. A crise econômica resultante aumentou o desemprego e reduziu o poder de compra da população, agravando a pobreza e a desigualdade social na região.

Além do mais, essa situação teve um impacto adverso na segurança alimentar da região. Com as rotas de comércio interrompidas, o fornecimento de alimentos e outros produtos essenciais foi severamente limitado. A escassez de alimentos resultou em preços mais altos, tornando difícil para muitas famílias adquirir alimentos suficientes para atender às suas necessidades básicas. Isso exacerbou a insegurança alimentar, aumentando o risco de desnutrição e outros problemas de saúde relacionados à má alimentação. Consequentemente, a economia local não apenas enfrentou um declínio substancial, mas também sofreu um golpe significativo em sua capacidade de garantir a segurança alimentar de sua população.

Este estudo também destacou a importância do Mar Vermelho e suas áreas adjacentes como uma região estratégica para os interesses globais. Sendo assim, qualquer perturbação na área pode ter implicações sérias e de longo alcance para a

segurança internacional. Interrupções nas rotas de navegação podem causar atrasos significativos e aumentos nos custos de transporte, afetando negativamente o fluxo de comércio global. Além disso, a estabilidade da região é fundamental para a segurança energética, pois uma grande quantidade de petróleo e gás natural passa pelo Mar Vermelho. Qualquer conflito ou bloqueio na área pode levar a flutuações nos preços da energia, impactando economias ao redor do mundo.

Além dos aspectos econômicos, a segurança política também está em jogo. O Mar Vermelho é uma área de interesse estratégico para muitas nações, e a instabilidade na região pode levar a tensões internacionais e conflitos diplomáticos. A presença de forças militares de várias nações, que protegem seus interesses contra a pirataria e o terrorismo marítimo, pode resultar em confrontos inadvertidos ou escaladas de violência. Assim, a paz e a estabilidade no Mar Vermelho são fundamentais não apenas para os países ribeirinhos, mas para a comunidade internacional como um todo. Assim, entende-se que a manutenção da segurança e da estabilidade nesse Mar é uma prioridade de extrema importância para a segurança internacional e a prosperidade econômica global.

A análise realizada até agora lança luz sobre muitos dos efeitos diretos e indiretos da Guerra Híbrida nessa região, mas o fenômeno em si é diversificado e dinâmico, exigindo contínuas investigações para se obter uma compreensão completa. A análise econômica revelou que a Guerra Híbrida possui um potencial significativo para interromper as rotas comerciais críticas que demandam o Mar Vermelho, afetando não apenas as economias locais, mas também o comércio global de maneira ampla e profunda. A interrupção dessas rotas comerciais essenciais têm o poder de causar um efeito dominó, impactando negativamente diversas indústrias e setores econômicos em todo o mundo.

A colaboração internacional é essencial para enfrentar os desafios impostos pela Guerra Híbrida no Mar Vermelho. Os países devem trabalhar em conjunto, compartilhando informações, recursos e melhores práticas para combater as táticas híbridas que ameaçam a estabilidade regional. Além disso, é necessário promover um diálogo contínuo e construtivo entre as nações afetadas e aquelas com interesse na região, a fim de coordenar esforços e assegurar uma abordagem unificada e abrangente para a resolução dos conflitos. As Operações Guardiã da Prosperidade

e Atalanta e a Força Tarefa 151, nas quais inúmeras Marinhas de Guerra realizam patrulhamento naval na região do Mar vermelho, é um exemplo claro de colaboração internacional que está dando certo.

Acerca da Força Tarefa 151, em que pese a Marinha do Brasil somente ter enviado pessoal e não meios para essa missão, é importante frisar que ainda se pode extrair algum conhecimento. Tendo em vista que essa Força Tarefa, além de ser comandada por um Almirante brasileiro, possui em seu Estado-Maior Oficiais brasileiros. Com isso, os conhecimentos adquiridos nessa missão poderão ser empregados contra eventuais ameaças híbridas em nosso entorno estratégico, mais precisamente no Atlântico Sul.

Em suma, este estudo não apenas ilumina os problemas imediatos causados pela Guerra Híbrida, mas também sublinha a importância de uma resposta coordenada e contínua. A comunidade internacional deve estar atenta e proativa, investindo em pesquisas adicionais e cooperando de maneira eficaz para enfrentar esse desafio complexo. Somente por meio de um esforço coletivo e sustentado será possível mitigar os danos causados pela Guerra Híbrida e assegurar um futuro mais seguro e próspero para a região do Mar Vermelho.

REFERÊNCIAS

ADAMOR, Julio. Grupo do Iêmen e EUA se atacam no Mar Vermelho: guerra está se expandindo pelo Oriente Médio?. **Brasil de Fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/18/grupo-do-iemen-e-eua-seatacam-no-mar-vermelho-guerra-esta-se-expandindo-pelo-orientes-medio>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ALVES, Kamilla. Crise no mar vermelho começa a afetar setor de turismo. **Brasilturis**, 2024. Disponível em: <https://brasilturis.com.br/2024/01/22/crise-no-mar-vermelho-comeca-a-afetar-setor-de-viagens-e-turismo/>. Acesso em: 07 jul. 2024.

A PORTA das lágrimas onde rebeldes xiitas atacam e sequestram navios comerciais na costa do Iêmen. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyj9z2vnlk0o>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BALTAZAR, Carolina Sofia Bento, Guerra híbrida no ambiente marítimo, Escola Naval Portugal, 2017.

BATEMAN, Sam. The hijacking of the MV Zirku: a case study in shipping security. 2011.

BRASIL assume o comando da Força-Tarefa Combinada 151 das Forças Marítimas Combinadas. **Defesa Naval**, 2024. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2024/01/23/brasil-assume-o-comando-da-forca-tarefa-combinada-151-das-forcas-maritimas-combinadas/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CAVALCANTI, Rafael Reis; LIMA, Ricardo Dziedzic de Araújo. A pirataria marítima no mundo contemporâneo. **Revista de Villegagnon**, Rio de Janeiro, n.8, p.72-77, jan./ dez. 2013. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000005/000005cd.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

CONFLITO no Mar Vermelho causa danos em cabos de internet globais. **O Antagonista**, 2024. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/mundo/conflito-no-mar-vermelho-causa-danos-em-cabos-de-internet-globais/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DE SOUZA, Deywisson Ronaldo Oliveira *et al.* Guerra híbrida e ciberconflitos: uma análise das ferramentas cibernéticas nos casos da síria e conflito Rússia-Ucrânia. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, v. 5, n. 3, 2019.

DERSSO, Solomon A. The Somalia Conflict implications for peacemaking and peacekeeping efforts. *Institute for Security Studies Papers*, v. 2009, n. 198, p. 24, 2009.

DO AMARAL, Alberto. O que são os houthis, milícia que vem atacando navios no Mar Vermelho. **Jornal da USP**, 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio->

usp/o-que-sao-os-houthis-milicia-que-vem-atacando-navios-no-mar-vermelho/. Acesso em: 06 jul. 2024.

EUA e aliados derrubam 28 drones dos houthis no Mar Vermelho. **DW**, 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/eua-e-aliados-derrubam-28-drones-dos-houthis-no-mar-vermelho/a-68480505>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FAN, Ricardo. Por que milícia houthi está atacando navios no Mar Vermelho. **Defesanet**, 2023. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/geopolitica/por-que-milicia-houthi-esta-atacando-navios-no-mar-vermelho/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FARIAS, Adrielle. Marinha do Brasil assume força-tarefa contra piratas no Mar Vermelho. **Jovem Pan**, 2024. Disponível em: Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/marinha-do-brasil-assume-forca-tarefa-contra-piratas-no-mar-vermelho.html>. Acesso em: 06 jul. 2024.

FERNANDES, Hugo Miguel Moutinho. As novas guerras: O desafio da guerra híbrida. *Revista de Ciências Militares*, v. 4, 2016.

GALANTE, Alexandre. Petroleiro sequestrado de US\$ 100 milhões ancora na Somália. **Poder Naval**, 2008. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2008/11/18/petroleiro-de-us-100-mi-sequestrado-ancora-na-somalia>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GRIGAS, Agnia. *The new geopolitics of natural gas*. Harvard University Press, 2017.

GUIMARÃES, Antonio. Al-Shabab faz seis reféns e um morto após helicóptero da ONU aterrar de emergência na Somália. **CNN Portugal**, 2024. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/al-shabab/onu/al-shabab-faz-seis-refens-e-um-morto-apos-helicoptero-da-onu-aterrar-de-emergencia-na-somalia/20240110/659f0382d34e65afa2f98742>. Acesso em: 06 jul. 2024.

HIJACKED Saudi oil tanker Sirius Star on the move. **The Guardian**, 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2009/jan/09/somalia-pirates-supertanker-ransom>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HIJACKED oil tanker nears Somalia. **BBC News**, 2008. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7734733.stm>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HOFFMAN, Frank G. *Conflito no século 21: A ascensão das guerras híbridas*. Arlington, VA: Instituto Potomac de Estudos Políticos, 2007.

HOUTHIS do Iêmen atacam outro navio dos EUA no Golfo de Aden. **Brasil 247**, 2024. Disponível em: <https://www.brasil247.com/mundo/houthis-do-iemen-atacam-outro-navio-dos-eua-no-golfo-de-aden>. Acesso em: 11 jul. 2024

IÊMEN, um conflito brutal. **OXFAM Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/acoes-humanitarias/iemen-um-conflito-brutal/>. Acesso em: 06 jul. 2024.

IMAGEM do dano causado, pelos Houthis, ao navio MV Genco Picardy. First Photos of a Houthi Attack on a Merchant Ship. **The Maritime Executive**, 2024. Disponível em: <https://maritime-executive.com/article/indian-navy-assists-genco-bulker-damaged-in-gulf-of-aden-in-houthi-attack>. Acesso em: 07 jul. 2024.

KHATSENKOVA, Sophia. The Cube: Conta falsa da Mossad divulga conteúdo violento anti-palestiniano. **Euronews**, 2023. Disponível em: <https://pt.euronews.com/my-europe/2023/11/06/the-cube-counta-falsa-da-mossad-divulga-conteudo-violento-anti-palestiniano>. Acesso em: 06 jul. 2024.

KORYBKO, Andrew. Guerras híbridas. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KREMIDAS-COURTNEY, Chris. The Maritime Executive. Countering Hybrid Threats in the Maritime Environment. **The Maritime Executive**. 11 jun. 2018. Disponível em: <https://maritime-executive.com/editorials/countering-hybrid-threats-in-the-maritime-environment#:~:text=Commercial%20vessels%20and%20ports%20are%20vulnerable%20to>. Acesso em: 07 jul. 2024.

LISBOA, Artur Krepp. Guerra híbrida. Revista Passadiço, v. 34, n. 41, p. 72-72, 2021.

LUSA. Londres alerta para nova ação armada no estreito de Bab el-Mandeb. **RTP Notícias**, 2023. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/londres-alerta-para-nova-acao-armada-no-estrito-de-bab-el-mandeb_n1537630. Acesso em: 27 jun. 2024.

MAR Vermelho: conflitos impactam o comércio global. **Guia marítimo**, 2024. Disponível em: <https://www.guiamaritimo.com.br/noticias/maritimo/mar-vermelho-conflitos-msc-maersk-hapag-lloyd-comercio-global>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MARINHA DO BRASIL. Conflitos e pirataria no Mar Vermelho atingem economia brasileira. 1 mar. 2024. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/agenciadenoticias/conflitos-e-pirataria-no-mar-vermelho-atingem-economia-brasileira>. Acesso em: 06 ago. 2024.

MOZELLI, Rodrigo. Danos em cabos submarinos no Mar Vermelho comprometem parte da comunicação local. **Olhar Digital**, 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/03/05/pro/danos-em-cabos-submarinos-no-mar-vermelho-comprometem-parte-da-comunicacao-local/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MURPHY, Martin N. Somalia: The New Barbary? Piracy and Islam in the Horn of Africa. New York: Columbia University Press, 2011.

MAPA da região do Mar Vermelho. **Todoestudo**, 2024. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/geografia/mar-vermelho>. Acesso em: 10 jul. 2024.

O LONGO desvio de rota de navios cargueiros para escapar de ataques no Mar Vermelho. **G1**, 28 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/01/28/o-longo-desvio-de-rota-de-navios-cargueiros-para-escapar-de-ataques-no-mar-vermelho.ghtml>. Acesso em: 06 ago. 2024.

OS PREJUÍZOS para comércio internacional dos ataques a navios no Mar Vermelho. **Bloomberg News**, 2023. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/internacional/os-prejuizos-para-comercio-internacional-dos-ataques-a-navios-no-mar-vermelho/>. Acesso em: 06 jul. 2024.

PADILHA, Luiz. Operação, Atalanta é renovada no Golfo de Áden. **Defesa Aérea & Naval**, 2023. Disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/operacoes-anti-pirataria/operacao-atalanta-e-renovada-no-golfo-de-aden>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PADILHA, Luiz. Operação Atalanta e a presença italiana na costa da Somália. **Defesa Aérea & Naval**, 2021. disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/operacoes-anti-pirataria/operacao-atalanta-e-a-presenca-italiana-na-costa-da-somalia>. Acesso em: 06 jul. 2024.

PIRACY and Armed Robbery Against Ships. **International Maritime Bureau**, 2011. Disponível em: <https://www.icc-ccs.org/piracy-reporting-centre/live-piracy-report>. Acesso em: 29 jun. 2024.

ROTAS comerciais mundiais sob pressão das tensões no Mar Vermelho. **Prensa Latina**, 2024. Disponível em: <https://www.prensalatina.com.br/2024/01/26/rotas-comerciais-mundiais-sob-pressao-das-tensoes-no-mar-vermelho/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, João Victor. Lawfare, uma guerra ainda antes da belicosidade como conhecemos. **Instituto de Humanas Unisinos**, 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619953-lawfare-uma-guerra-ainda-antes-da-belicosidade-como-conhecemos>. Acesso em: 30 jul. 2024

SANTOS, Gabriella Maciel, BAPTISTA, José Abel de Andrade, NOVAIS, Rosana Aparecida de Bueno. Ações internacionais sobre o caso da pirataria na somália sob a perspectiva da teoria de resolução de problemas. **Semantic Scholar**, 2017. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/A%C3%87%C3%95ES-INTERNACIONAIS-SOBRE-O-CASO-DA-PIRATARIA-NA-A-Santos-Baptista/03a145ac37ea85fa4409b0b45e083c65a0c00772>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SCHNEIDER, Eduardo Augusto S. da C. Pirataria marítima: a experiência Somália. *Revista de Direito Internacional*, Brasília, v. 12, n. 1, 2015 p. 301-320.

STEWART, Phil. EUA lançam nova operação multinacional para proteger comércio no Mar Vermelho. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-lancam-nova-operacao-multinacional-para-proteger-comercio-no-mar-vermelho/>. Acesso em: 06 jul. 2024.

STILBEN. Conflitos e pirataria no Mar Vermelho atingem economia brasileira. **Agência Marinha de Notícias**, 2024. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/internacional/conflitos-e-pirataria-no-mar-vermelho-atingem-economia-brasileira>. Acesso em: 07 jul. 2024.

SULLIVAN, Arthur. Qual é o impacto da crise no Mar Vermelho na economia global. **DW**, 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/qual-%C3%A9-o-impacto-da-crise-no-mar-vermelho-na-economia-global/a-67883711>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VIANA, Virna Araújo. Repositório Institucional. Lawfare e a guerra jurídica no Brasil: o uso estratégico do sistema de justiça penal em face das garantias e direitos fundamentais. **Repositório Institucional**, 2021. 75 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69091>. Acesso em: 27 jun. 2024.

WELDEMICHAEEL, Awet Tewelde. Piracy in Somalia: violence and development in the Horn of África. Cambridge University Press, 2019.

WILTGEN, Guilherme. Navio Patrulha da Marinha egípcia é atingido por míssil no Mediterrâneo. **Defesa Aérea & Naval**, 2015. Disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/naval/navio-patrolha-da-marinha-egipcia-e-atingido-por-missil-no-mediterraneo>. Acesso em: 27 jun. 2024.

XAVIER, Alexandre Tito. Os Houthis e sua influência na geopolítica do Oriente Médio. São um proxy do Irã? Parte III – possível escalada da crise. Tito geopolítica, 2024. Disponível em: <https://www.atitoxavier.com/post/os-houthis-e-sua-influencia-na-geopolitica-do-oriente-medio-sao-um-proxy-do-iran-parte-iii-possivel-escalada-da-crise>. Acesso em: 07 jul. 2024.